

Captação externa Papel indexado à Libor dá segurança ao investidor

Brasil lança

bônus com

taxa de juro

flutuante

Cristiane Perini Lucchesi, Mônica Izaguirre e Sérgio Lamucci
De São Paulo e Brasília

O Brasil fez ontem uma emissão de US\$ 750 milhões em bônus globais de dívida externa. Pela primeira vez desde que o país reconquistou o acesso ao mercado internacional de títulos soberanos, em 1995, foram lançados papéis com taxas de juro flutuantes. Esta foi a alternativa encontrada pelo governo brasileiro para contornar a preocupação dos investidores com a magnitude e os impactos da esperada elevação da taxa básica de juros americana nos preços dos papéis brasileiros.

"O Brasil conseguiu fazer uma captação de sucesso ao garantir para os investidores que eles não perdem se os juros dos EUA subirem mais do que o previsto", disse Carlos Gribel, sócio-diretor da Eurovest Securities.

Os papéis emitidos ontem, vão pagar um cupom flutuante equivalente à Libor de três meses para valores em dólares norte-americanos acrescida de 5,75% ao ano.

Considerado o atual nível da Libor, taxa flutuante interbancária inglesa, isso representa hoje um cupom de 7,31% ao ano, informou o Banco Central, na condição de agente do Tesouro Nacional, ao anunciar o resultado da emissão. Os papéis foram vendidos por 99,245% do seu valor de face. Assim, conforme o BC, para quem carregá-los até o vencimento, o rendimento efetivo será de 5,93% ao ano acima da Libor.

Antes desta, a última vez que a República do Brasil lançou bônus de dívida externa com taxas de juros flutuantes sequer foi numa colocação competitiva de papéis. Foi em abril de 1994, na emissão dos bônus resultantes de um longo processo de renegociação da dívida externa pública junto a bancos.

Os recursos dos novos bônus entrarão diretamente nas reservas cambiais do país dia 29 de junho. Com a nova emissão, ficam faltando US\$ 1,75 bilhão para concluir o programa de captações externas de 2004, do qual parte foi antecipada em fins de 2003. Incluindo o que foi antecipado, o plano prevê captações de US\$ 5,5 bilhões para refinanciamento de dívida externa.

"O governo brasileiro foi esperto e aproveitou uma perfeita janela de oportunidade para lançar seu papel com estrutura e prazos adequados", disse Daniel Vallimarescu, da Merrill Lynch, que, com a Goldman Sachs, liderou a operação. Segundo ele, o Brasil "não tentou forçar uma transação antes do tempo e a resposta do mercado foi um rali de preços gene-

ralizado em todos os bônus do Brasil". O total de demanda, segundo ele, ultrapassou os US\$ 2,5 bilhões.

"O papel teve uma demanda excepcional, o que nos permitiu ampliar o valor da operação pagando juros abaixo do limite inferior inicialmente proposto", afirmou Ricardo Lacerda, presidente da Goldman Sachs. O Brasil lançou US\$ 500 milhões se propondo a pagar rendimento mínimo de 600 pontos básicos sobre a Libor, mas conseguiu obter US\$ 750 milhões pagando rendimento de 593 pontos básicos.

"O país escolheu o momento certo para vir a mercado, depois de uma longa ausência", afirmou Lacerda. Antes de ontem, o último título do governo federal foi lançado no mercado internacional em janeiro deste ano, no total de US\$ 1,5 bilhão, pagando rendimento de 8,75% ao ano para o prazo de 30 anos. Se realizada

para taxas fixas, o rendimento pago pelo governo ficou agora em torno de 10,5% ao ano para o prazo de vencimento em cinco anos.

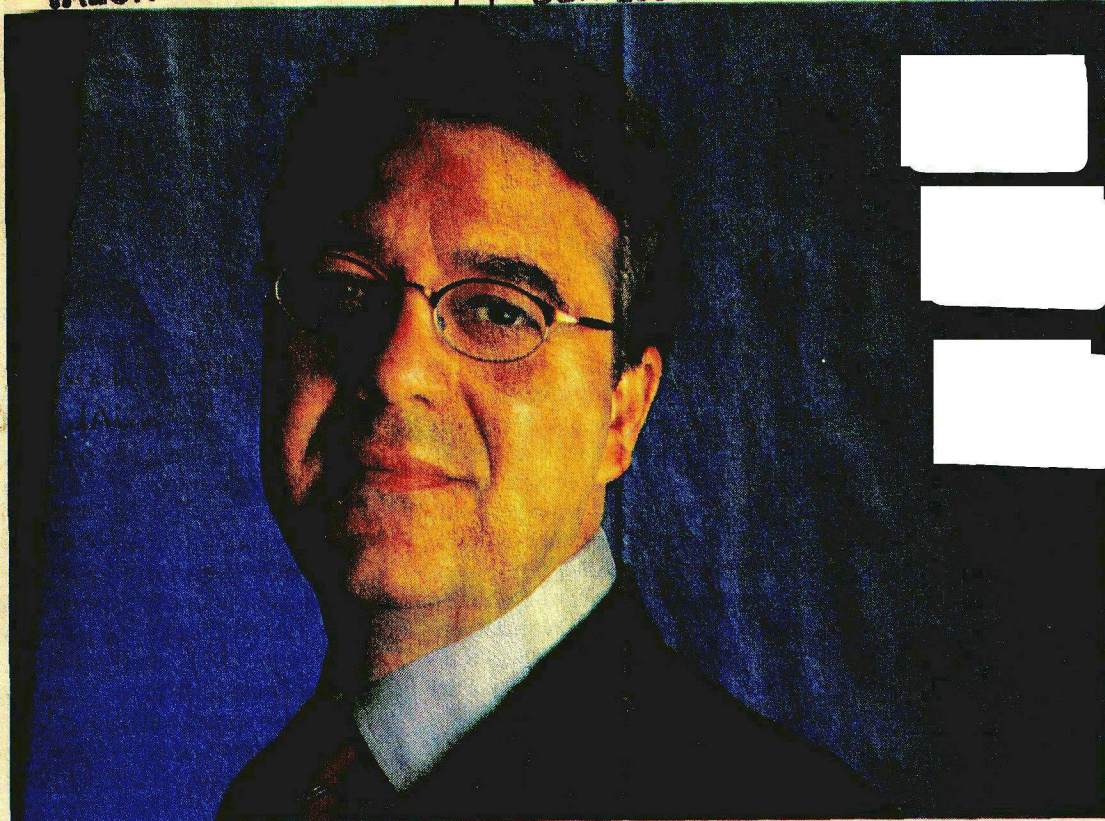
Segundo apurou o **Valor**, nada menos do que um terço do total da demanda veio de investidores brasileiros, outro terço dos investidores institucionais e fundos de hedge (que investem em papéis de maior risco) dos EUA e o outro terço dos investidores de private banking (as pessoas físicas ricas).

De acordo com Gribel, o país tem de aproveitar qualquer janela de oportunidade, como a aberta agora, para emitir papéis, pois o mercado externo pode piorar no segundo semestre. "Haverá muito ruído político com as eleições municipais no Brasil e presidenciais nos EUA", diz. A puxada nos juros americanos poderá ser mais forte do que o esperado.

"A captação mostra que o mercado internacional tem apetite para Brasil", afirmou Octavio de Barros, economista-chefe do Bradesco. Segundo ele, "a despeito das incertezas, o mercado percebe que há mudanças qualitativas no cenário econômico brasileiro".

Para o economista-chefe do Pátria Banco de Negócios, Luís Fernando Lopes, o governo fez bem em fazer a captação neste momento, principalmente porque o nível de reservas líquidas está muito baixo. Segundo ele, se quisesse vender títulos com juros prefixados, o custo seria mais alto e o prazo teria de ser menor.

Mas a taxa flutuante tem desvantagens para o governo na administração de seu fluxo de caixa, por causa da imprevisibilidade do cupom (juro nominal) a ser pago a cada trimestre.



Octavio de Barros, do Bradesco: "A despeito das incertezas, o mercado percebe que há mudanças qualitativas"

O governo Lula no mercado externo

Operações já fechadas

O novo bônus do Brasil

Papel emitido ontem

Valor	US\$ 750 milhões
Emissor	Governo federal do Brasil
Tipo	Bônus de taxa flutuante
Líderes	Merrill Lynch/Goldman Sachs
Cupom ⁽¹⁾	575 pontos básicos
Rendimento ⁽¹⁾	593 pontos básicos
Prazo	Cinco anos
Liquidação	29 de junho de 2004
Vencimento	28 de junho de 2009

Captações da República

Em bônus⁽²⁾

Título	Data de liquidação	Prazo (meses)	Rendimento (em %)	Valor (US\$ milhões)
Global 07	06/05/2003	44	10,700	1.000
Global 13	17/06/2003	120	10,580	1.250
Global 11	07/08/2003	96	11,875	500
Global 24	07/08/2003	248	12,590	825
Global 11	18/09/2003	96	10,663	750
Global 10	22/10/2003	84	9,450	1.500
Global 34	20/01/2004	360	8,750	1.500

Fonte: BC/mercado, Goldman Sachs e Valor Data. (1) sobre a Libor de três meses, taxa interbancária de Londres. (2) Todos com taxas fixas